

ARTIGO

JORNALISMO POLICIAL: A COBERTURA SENSACIONALISTA DE MASSACRES

PERIODISMO POLICIAL: LA COBERTURA SENSACIONALISTA DE LAS
MASACRES

POLICE JOURNALISM: SENSATIONALIST COVERAGE OF MASSACRES

Caroline Costa da Silva Pinheiro¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar como a abordagem espetacularizada dos veículos de comunicação, no massacre de Suzano, em destaque o Telejornal Brasil Urgente e Revista Veja, possivelmente influenciaram no caso da escola Thomazia Montoro. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica. A questão-problema fundamenta-se no questionamento de como a cobertura sensacionalista da mídia pode vir a influenciar casos de ataques em escolas. E a hipótese se baseia na divulgação inadequada da mídia em relação a crimes violentos, como atentados em escolas, que ao divulgar cenas do momento do crime, nome e imagens do agressor, arma utilizada, informações do ato, entre outros, tem o poder de influenciar e inspirar novos casos, devido à notoriedade que o agressor ganha.

Palavras-chave: Jornalismo Policial, Sensacionalismo, Massacre.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar cómo el enfoque espectacular de los medios de comunicación sobre la masacre de Suzano, en particular el noticiario de TV Brasil Urgente y la revista Veja, posiblemente influyó en el caso de la escuela Thomazia Montoro. La metodología utilizada es la investigación bibliográfica. La pregunta problema se basa en la cuestión de cómo la cobertura sensacionalista de los medios de comunicación puede influir en los casos de ataques a escuelas. La hipótesis se basa en la inadecuada cobertura mediática de los crímenes violentos, como los ataques a escuelas, que, al divulgar escenas del momento del crimen, el nombre y las imágenes del atacante, el arma utilizada, informaciones sobre el hecho, entre otras cosas, tiene el poder de influenciar e inspirar nuevos casos, debido a la notoriedad que el atacante gana.

Palabras clave: Periodismo policial, Sensacionalismo, Masacre.

¹ Jornalismo – Centro Universitário Fluminense- UNIFLU. Email: carolinecostapinheiro2004@gmail.com

ABSTRACT: The present article aims to analyze how the media's spectacular approach to the Suzano massacre, in particular the Brasil Urgente TV news program and Veja magazine, possibly influenced the case of the Thomazia Montoro school. The methodology used is bibliographical research. The problem question is based on the question of how sensationalist media coverage can influence cases of attacks on schools. The hypothesis is based on the media's inadequate coverage of violent crimes, such as attacks on schools, which, by broadcasting scenes from the moment of the crime, the name and images of the attacker, the weapon used, information about the act, among other things, has the power to influence and inspire new cases, due to the notoriety the attacker gains.

Key-words: Police Journalism, Sensationalism, Massacre.

1- INTRODUÇÃO

No dia 13 de Março de 2019, dois ex-alunos da Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano, São Paulo, invadiram e iniciaram o ataque contra alunos e funcionários da instituição, matando sete pessoas e ferindo onze. Após a chegada da polícia, ainda dentro da escola um dos agressores atirou no outro e por fim, se suicidou. Utilizando máscaras com símbolo supremacista americano, luvas e roupas pretas, e portando armas de fogo, química e branca, o adolescente e o homem ganharam grande notoriedade em diversas matérias de veículos jornalísticos, principalmente nos programas de Jornalismo Policial, que transformaram o caso em um verdadeiro espetáculo televisionado e posteriormente registrado em sites e revista.

Após quatro anos, no dia 27 de Março de 2023, um aluno entra e inicia um ataque à faca na a Escola Estadual Thomazia Montoro, localizada na Vila Sônia, em São Paulo, matando uma professora e ferindo quatro pessoas. O adolescente foi imobilizado pela professora de educação física da instituição até a chegada da polícia, onde foi apreendido e encaminhado para a 34° DP. Utilizando vestes parecidas com a dos autores do massacre de Suzano, principalmente no uso da máscara de caveira - que é um símbolo supremacista americano- o agressor fazia referência a um dos autores nas redes sociais, utilizando como usuário o sobrenome "Tauci". Além disso, em sua conta do Twitter publicava conteúdos incitando violência e seus planos para realizar o ataque, sendo incentivado a ter tais atitudes por seguidores de sua página. Ao analisar a situação, há indícios que uma das possíveis inspirações do

adolescente foram nos atiradores da Escola Estadual Raul Brasil, e também na influência de fóruns anônimos, com grupos que apoiam ideais violentos.

Diante desses fatos, os responsáveis por informar a sociedade sobre o que está acontecendo no “Tempo real” são os veículos de comunicação, comunicando de forma ética, respeitosa e imparcial. Porém, alguns veículos, principalmente os programas de Jornalismo Policial, não respeitam os princípios morais e dão lugar a uma abordagem sensacionalista, como foi no caso do massacre de Suzano e que veio a se repetir no ataque a Thomazia Montoro, ocasionando um “efeito contágio”. Ou seja, com a grande notoriedade e a explicitude que os assuntos ganharam na mídia, as chances de influenciar novos casos se tornam maiores. Neste contexto, o presente estudo busca encontrar possíveis respostas sobre quais pontos o jornalismo precisa ter mais cuidado, ao abordar crimes violentos, como atentados nas escolas, para evitar o efeito contágio e a banalização da violência na mídia.

Portanto, este estudo tem como objetivo geral analisar como a cobertura espetacularizada e sensacionalista dos veículos de comunicação, no massacre de Suzano, em destaque o telejornal Brasil Urgente e a revista Veja, possivelmente influenciou no atentado da escola Thomazia Montoro. Ainda, o artigo se concentra em três objetivos específicos: Contextualizar a origem do Jornalismo Policial; Observar como funciona a cobertura de crimes violentos pela mídia; e analisar a abordagem da mídia no caso de Suzano. A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica, a fim de obter resultados a respeito das problemáticas do assunto em estudo.

2- JORNALISMO POLICIAL

O jornalismo policial é um gênero específico, com grande destaque em telejornais, especializado na abordagem de fatos e investigações criminais, judiciais, de segurança pública e no sistema penitenciário, e tem como principal fonte de apuração a polícia, bombeiros e a Defesa Civil. Sendo considerado popular por visar defender os interesses gerais dos cidadãos, tem como intenção estabelecer proximidade e pacto de serviço social com a audiência, de acordo com Oliveira (2008), assumindo função de vigilantes da sociedade, apontando e interrogando as falhas dos sistemas sociais públicos e privados e advertindo a população sobre os riscos existentes.

Segundo a jornalista Maria Carolina Trevisan, em entrevista para o TV Brasil, a principal característica dos programas que abordam crimes é estar na fronteira da dúvida entre ser jornalismo ou entretenimento. Em caso de ser entretenimento, a cobertura é feita de forma sensacionalista, muito factual focada no crime, não problematizando a situação, não trazendo dados de fora, contexto, legislação, não fazendo reflexão acerca de crimes e violando os direitos humanos. E a falta de distinção entre entretenimento e jornalismo é causada pela falta de regulação da mídia no Brasil.

De acordo com Davi Romão (2013, p. 34), um dos elementos que diferencia o jornalismo policial do jornalismo tradicional é o uso da linguagem informal, sendo utilizada muitas vezes expressões coloquiais, gírias e xingamentos com o objetivo de passar sensação de proximidade aos telespectadores através de uma conversa direta. No entanto, tais conversas costumam ser extremamente estereotipadas e apelativas, não promovendo novas reflexões e nem aprofundamento a respeito dos casos abordados.

Ao voltar no tempo, o programa diário “Cadeia sem censura”, da Tv Gazeta, estreado em 2006 e apresentado pelo Luís Carlos Alborghetti, tinha como característica o uso de uma toalha pendurada no pescoço e um cassetete, que o apresentador utilizava para bater na mesa enquanto proferia acusações sem provas e incitava linchamentos. Atualmente, a “estética Alborghetti” foi substituída pelo uso de ternos e ambientes mais profissionais, com o intuito de passar credibilidade, responsabilidade e seriedade, mas a forma que fazem “jornalismo” continua a mesma, com a exposição exagerada de prisões e perseguições policiais, acusações sem prova e incentivo a violência, ferindo os princípios jornalísticos de ética, neutralidade e imparcialidade.

Intitulado muitas vezes como “datenismo” - referência ao principal representante do jornalismo policial da atualidade, José Luiz Datena -, algumas de suas características marcantes são o uso da linguagem informal; O uso apelativo dos recursos audiovisuais como imagens e áudios para compor a matéria, principalmente conteúdos exclusivos e trilhas sonoras de suspense; Transmissões ao vivo, muitas das vezes feitas através de um helicóptero que fica sobrevoando o local do crime ou

perseguições policiais; Presença de um repórter no local do evento; Busca por ineditismo e furos de reportagem; Cenários simples e apresentadores populares.

Oliveira (2008, p. 5) ao analisar os telejornais Cidade Alerta e Brasil Urgente, que trabalham com sensacionalismo e estão sempre em busca do ineditismo, destacou algumas das problemáticas pela falta da apuração correta,

A novidade e a relevância de um tema é parte do compromisso do jornalismo enquanto instituição pública. Porém, a busca por notícias inéditas traz consigo alguns constrangimentos, como a produção de informação sem apuro e sensacionalista. É comum este tipo de constrangimento nos telejornais Cidade Alerta e Brasil Urgente, sobretudo, devido ao caráter de dinamismo e de velocidade na cobertura de novas informações que ambos tentam manter como uma marca de agilidade e como uma estratégia de cumprimento das promessas anunciadas por eles.” (OLIVEIRA, 2008, p. 5)

Além dessas características, há uma forte presença de um tom autoritário, doutrinário e agressivo entre alguns apresentadores e repórteres de programas policiais. Tanto que a forma que gesticulam e utilizam frases como “Agora vem para mim”, “Quero dizer o seguinte”, “Eu vou contar uma coisa para você”, “Vem aqui, por favor,”, reforçam essa ideia de intimidação e agressividade.

3- COBERTURA DE CRIMES VIOLENTOS PELA MÍDIA

O uso do sensacionalismo por parte da mídia criou uma histeria coletiva, através da exploração da fragilidade do ser humano, que é o medo, estimulando sensações de insegurança constante de que o crime domina o país e os cidadãos correm risco de serem roubados ou mortos o tempo inteiro. A mídia induz o público a ver e considerar apenas um lado da história, pensando em casos isolados e apresentando de modo massivo e diário para a sociedade de forma espetacularização, reforçando a ideia que o crime toma conta e que vivemos num país da impunidade, onde indivíduos não são punidos por nada que fazem.

Através de um dos conjuntos de elementos apresentados nas análises de diversas edições de programas policiais selecionados pelo autor, Ramão (2013) identifica os recursos utilizados na visão de mundo do Jornalismo Policial como apresentação de uma realidade hostil em que a solução é a justiça, punição e violência.

Nossa realidade social é extremamente perigosa e esse perigo tem como causa a falta de caráter de certas pessoas, que acabam optando pelo banditismo. Para nos protegermos disso, são necessárias leis mais rigorosas, além de fiscalização e policiamento mais intensivos. No entanto, apenas 45 isso não basta, a sociedade também tem o direito de violentar aqueles que a violentaram de antemão. (RAMÃO, 2013, p. 45).

Porém, de acordo com o projeto “Cadê meus direitos?”, do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crsip), da Universidade Federal de Minas (UFMG); o Brasil é o 3º maior em população carcerária do mundo, atualmente com cerca de 660 mil pessoas encarceradas. Ou seja, o país vive um ritmo de encarceramento frequente e segundo diagnóstico do Departamento Penitenciário Nacional (Depen) e o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) de 2019, com esse ritmo, o número de detentos pode chegar a quase 1,5 milhão em 2025, o equivalente à população de cidades como Belém e Goiânia.

Segundo Romão (2013), o uso do tom enfático e judicioso no discurso e postura dos apresentadores são uma das estratégias mais utilizadas pelo Jornalismo Policial, combinando “discursos inflamados com posturas sérias e rígidas”, com o intuito de se posicionar como uma referência autoritária, irrefutável e incontestável intercessor da Justiça. É perceptível que esses programas tentam passar uma imagem de justiceiros do povo, mas a realidade é que eles defendem os interesses da classe deles. Eles idealizam e trabalham como se fosse uma demanda da classe popular, mas é uma demanda da classe deles, dos donos das emissoras, dos patrocinadores, dos grupos políticos e pessoas ricas que controlam as grandes mídias, a fim de favorecer ideais políticos que utilizam do mesmo discurso desses programas e do apelo emocional afirmando que vão acabar com a criminalidade.

A cobertura que deveria ser bem apurada, ética, neutra e imparcial, é ignorada por parte dos programas policiais. De acordo com a Constituição Federal de 1988, o Art. 5º, inciso LVII, “ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória.” (Brasil, 1988). Porém, com o costume de expressar a própria opinião, esses mediadores acreditam ter o direito de condenar, julgar e adjetivar os indivíduos baseado nas informações que eles acabaram de receber, sem

ao menos serem checadas e apuradas corretamente, violando a presunção da inocência.

Na maior parte do tempo exaltando a violência policial como necessária e demonstrando empolgação ao noticiar sobre crimes, perseguições e mortes, temos como um dos diversos exemplos o programa Alerta Nacional, com o apresentador Sikêra Jr. Abordando o jornalismo policial de forma cômica, o programa tinha um quadro chamado “CPF Cancelado”, em que Sikêra e sua equipe celebravam a morte de criminosos com uma marchinha de carnaval e em um dos programas mencionou que “A música que não sai da cabeça da criançada”. Ou seja, incentivando a possibilidade de crianças serem expostas a esse tipo de programação violenta e deturpadas.

De maneira geral, também não há cuidados da mídia com os direitos da infância na cobertura de casos que envolvam menores de idade, pois em muitos casos expõem indevidamente a imagem de crianças e adolescentes. Não divulgam apenas fatos do interesse da sociedade de forma ética, eles espetacularizam a violência, visto que o maior interesse é conquistar audiência e para alcançar o objetivo eles exploram situações horríveis e a dor alheia, sem preocupação com a veracidade e respeito aos processos judiciais.

Toma-se como exemplo o caso do massacre de Suzano e a proporção que todo o evento tomou, com a cobertura insensível e praticamente explícita de todo o caso através da exposição de cenas do momento do crime, nome e imagens do agressor, arma utilizada, informações detalhadas do ato, dando notoriedade aos agressores. Além de tudo, alguns veículos perseguiram parentes dos envolvidos como foi o caso da Band News, que enviou um repórter para importunar com perguntas insensíveis a mãe de um dos atiradores do atentado de Suzano, com o intuito de forçar que comentasse sobre o caso mesmo ela dizendo e estando visível que não queria comentar sobre. No próximo capítulo será abordado o caso do massacre de Suzano, analisando a cobertura da revista Veja e do telejornal Brasil Urgente e as problemáticas que a espetacularização dessas questões pode causar.

4- ANÁLISE DA ABORDAGEM DA MÍDIA NO MASSACRE DE SUZANO

Na manhã do dia 13 de Março de 2019, um adolescente e um homem, ambos ex-alunos da instituição, entraram encapuzados e abriram fogo na Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano, São Paulo, ferindo onze pessoas e matando sete, sendo cinco alunos e duas funcionárias. Com a chegada da polícia, durante o ataque, um dos assassinos atirou no outro e por fim, se suicidou. Antes dos agressores atacarem a escola, a dupla passou pelo estabelecimento Jorginho Veículos, onde um deles atirou em seu próprio tio e proprietário da loja, Jorge Antonio de Moraes. De acordo com matéria do G1, o homem foi levado para o Hospital das Clínicas, em São Paulo, onde fez uma cirurgia, mas devido aos ferimentos acabou não resistindo.

Durante o momento do ataque, os veículos de comunicação entraram em cena para fazer a cobertura do massacre, em muitos casos abordando o assunto de forma espetacularizada e massiva, e um deles foi o telejornal Brasil Urgente, apresentado por José Luiz Datena, da Rede Bandeirantes. Segundo Oliveira (2008, p. 5), o programa é marcado “pela cobertura ao vivo e de acontecimentos do dia”, tendo o imediatismo e a revelação pública como estratégia para alcançar audiência. E essa constante procura por notícias inéditas pode vir a ser perigoso, se não apuradas corretamente e usadas para fins apelativos. Tem como um dos diversos exemplos, a perseguição de um repórter da emissora Band a mãe de um dos atiradores do caso de Suzano. Assim que a mídia noticiou o fato, a mãe foi ao local da tragédia, quando foi abordada de forma assediadora pelo repórter que estava fazendo transmissão ao vivo para o programa Brasil Urgente, a bombardeando de questionamentos a respeito do ocorrido. Mesmo a mulher se recusando a responder, pois segundo ela não compreendia o que teria levado seu filho a fazer isso, o jornalista continuou por aproximadamente dois minutos a seguindo.

No decorrer da cobertura, Datena utiliza exageradamente expressões e gestos como forma de demonstrar indignação com o que estava acontecendo, articulando uma performance cênica. Oliveira (2008) caracteriza que José Luiz, “além do tom doutrinal, assume um papel mais combativo, Datena consegue explorar tanto a articulação retórica do texto, quanto na “performance cênica” exagerada, com gestos enfáticos. A própria imagem de Datena, sempre com ternos escuros, é agressiva e intimidadora”. Sendo esse uso excessivo, uma das técnicas de trazer proximidade do apresentar com o público, mostrando que ele também se revolta e quer justiça, instaurando a condição de Quarto Poder. Indo na contramão da ética jornalística, em

que se deve informar o fato ocorrido mantendo a imparcialidade, veracidade, precisão e respeito, independente de qual seja a matéria em pauta. Além disso, o programa tem um quadro chamado “Fale com o Datena”, para promover maior interatividade com o público, tanto que durante o massacre de Suzano, o tio de um dos alunos feridos com um machado fala com o Datena, ao vivo.

No dia 20 de Março de 2023, após uma semana da tragédia na Escola Raul Brasil, a Revista Veja, da Editora Abril, trouxe como reportagem especial todos os detalhes do que aconteceu no massacre em 16 páginas, utilizando na capa o tema “Barbárie Planejada” seguido dos subtítulos “O isolamento social, o fascínio pelas armas e as ideias extremas dos assassinos de Suzano”, “A vida e os sonhos das oito vítimas do massacre” e “ Por que o Brasil está importando esse tipo de crime”. Além disso, na descrição dos tópicos que seriam abordados na revista, no especial um dos títulos é “Um mergulho nas alucinadas intenções dos dois assassinos do massacre de Suzano”, demonstrando certa ironia com o fato, juntamente com o sensacionalismo escancarado.

Segundo Patrícia Carvalho (2020), “Em função da periodicidade, o jornalismo produzido para revista possui um processo mais longo de apuração e checagem dos fatos, interpretação e análise de consequências. O conteúdo procura sempre explorar novos ângulos, através de notícias exclusivas”. Analisando o contexto, a editoria da revista tem todo o controle de selecionar o que vai ou não ser abordado e de que forma vai ser, devido os valores-notícias daquele momento. Portanto, toda a seleção do que entraria sobre a tragédia, na edição 2626 da revista, foi totalmente articulada e bem pensada para atrair o público. Além disso, a reportagem começa detalhando sobre a vida dos agressores, utilizando os nomes completos, idade, fotos, registros escritos e desenhados, planos e ideais, percurso feito no dia do crime, entre outros. Para só nas próximas páginas falar sobre a vida das oito vítimas, sendo cinco alunos, duas funcionárias e o tio de um dos atiradores. Posteriormente, a revista realiza uma rememoração de outros atentados como o de Columbine, EUA (1999) e o de Realengo, Brasil (2011). Utilizando imagens das câmeras de segurança no momento que ocorriam os crimes, semelhantes a imagem escolhida como capa da edição, com informações resumidas, mas detalhadas dos casos.

5- FATORES E POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES DO ATENTADO EM THOMAZIA

Na manhã do dia 27 de Março de 2023, após a abertura dos portões da Escola Estadual Thomazia Montoro, localizada na Vila Sônia, em São Paulo, um aluno entrou na instituição iniciando um ataque à faca, matando a professora e ferindo outras quatro pessoas, duas professoras e um aluno. Enquanto o agressor atacava uma das vítimas, a professora de educação física conseguiu imobilizá-lo até a chegada da Polícia Militar. Segundo a PM, as vítimas foram encaminhadas aos hospitais das Clínicas, Bandeirantes, Universitário e São Luiz, e o adolescente foi apreendido e levado até o 34º DP, local em que a denúncia foi registrada.

Segundo matéria feita pelo G1 SP e TV Globo, estudantes relataram que dias antes do ataque, testemunharam a professora Elisabete - que foi morta no ataque - separando uma briga entre o agressor e outro estudante e, mediante a isso, o autor do ataque teria interesse em se vingar. Alunos mencionam que a motivação da briga se deu pelo agressor, que utilizou termos racistas durante uma discussão. "Chamou o menino de preto, de macaco e aí o menino não gostou, partiu pra cima dele, aí a Bete, que é a professora, separou", disse um dos estudantes. O que, posteriormente, foi confirmado no depoimento pelo próprio agressor.

Há indícios de que a motivação do agressor no atentado na Escola Estadual Thomazia Montoro tenha relação com o massacre de Suzano, através da inspiração nos atos feitos pelos atiradores da Escola Estadual Raul Brasil. Um dos fatores que mostra a referência do adolescente nos atiradores é ao analisar a máscara que ele utilizava durante o ataque, sendo a mesma que os agressores utilizaram em Suzano, que continha o desenho de uma caveira e cobria a região do nariz e boca, considerado como símbolo de supremacistas americanos.

De acordo com o Jornal Folha de São Paulo, nas redes sociais o adolescente fazia diversas publicações incitando violência e alguns de seus planos para fazer o atentado, como em uma das postagens em que menciona que faltava “um armamento decente” para cometer o ataque. Além disso, ele utilizava o nome “Tauci”, acompanhado de uma sequência de números, como usuário no Twitter, fazendo referência ao sobrenome de um dos autores do massacre de Suzano. Seu perfil na rede social era fechado, mas tinha seguidores com ideais parecidos, como um fórum virtual anônimo, em que interagiam com as postagens e o encorajavam a realizar o

ato. Botão; Souza e Ribeiro (2019), identificam como funcionam e o poder de influência dessas comunidades anônimas, denominadas como chans, com a possibilidade de serem encontradas desde a “superfície” como na Deep Web, parte da internet usada para navegação anônima, mas comumente usada para assuntos ilegais e/ou sigilosos, que só pode ser acessada através de procedimentos específicos.

Imageboards anônimas costumam ser chamadas de redes anti-sociais por se tratarem de uma plataforma onde os usuários podem conversar sem correr risco de se identificarem, criando uma subcultura, onde eles mesmos se chamam de anons. Por se tratar de uma rede anônima, a natureza dos chans é fundamentalmente diferente de outros fóruns de discussões, como o Reddit. Piadas preconceituosas ou comentários politicamente incorretos são comuns, pois existe um senso de liberdade.” (BOTÃO; SOUZA E RIBEIRO, 2019, p. 5)

Por ser um local em que indivíduos podem se posicionar de forma anônima, diversos tipos de ideologias políticas são debatidos livremente por esses canais, o que pode ocasionar em possíveis atos de rebeldia. Segundo Botão; Souza e Ribeiro (2019), “Progressivamente, esse comportamento gera o silêncio do sujeito, caracterizado pela espiral. A teoria, que estuda a relação de poder entre mídia, povo e opinião pública, pode ajudar a entender como jovens, com ideias e pensamentos diferentes da maioria, se aglomeram em espaços virtuais anônimos e radicais”. Ou seja, em alguns grupos comportamentos e discursos violentos são aceitos, o que acaba atraindo indivíduos, que escondem suas opiniões contrárias aos da maioria da sociedade, por validarem seus ideais e passarem sentimento de pertencimento a uma comunidade.

Após 48 horas do ataque na E.E. Thomazia Montoro, foram registradas pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo (SSP- SP), 7 boletins de ocorrência com adolescentes planejando efetuar ataques parecidos, também em ambiente escolar. E em uma semana, foram registrados 279 possíveis casos identificados. De acordo com a Secretaria, a suposição é que devido a propagação e intensidade que as notícias produzidas pelos veículos de comunicação podem chegar juntamente com as redes sociais acompanhando em tempo real o acontecimento, que em muitos casos não passam por um filtro e acabam reproduzindo informações falsas e exposição de imagens dos momentos e envolvidos, ocasionou um efeito “contágio”, motivando outros estudantes a reproduzirem tamanha violência.

Através de um pedido do Ministério Público de Santa Catarina, baseado em pesquisas relacionadas ao tema e com o intuito de não estimular novos casos, veículos de comunicação adotaram uma nova política de cobertura, como CNN, Band, Grupo Globo, Canal Meio, Agência Brasil, jornal O Estado de São Paulo, Jeduca Brasil e Abraji; em que as medidas adotadas não divulgarão nomes, imagens e informações dos autores da tragédia, para não espetacularizar e trazer a notoriedade que os agressores buscam com esses atos. A imprensa poderá buscar destacar as vítimas, na ressignificação e no apoio daquele ambiente escolar, acompanhando em conjunto com as instituições estaduais a reconstrução da rotina e da vida dos estudantes da escola e familiares das vítimas.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição dessa pesquisa está na análise e compreensão de quais pontos o jornalismo precisa ter mais cuidado ao abordar crimes violentos, como atentados nas escolas, para evitar o efeito contágio e a banalização da violência na mídia. A grande visibilidade que um ataque recebe dos meios de comunicação e redes sociais pode estimular a ocorrência de casos semelhantes, principalmente quando apresentado de maneira sensacionalista e apelativa por audiência, como foi no caso da Escola Raul Brasil, que de acordo com o Jornal Folha Vitória, diversos estados registraram ameaças de ataques parecidos nas escolas. O mesmo aconteceu no caso de Thomazia Montoro, em que segundo levantamento realizado pelo R7, após o ataque, houveram ao menos 20 novos registros de ameaças nas escolas pelo país. As ocorrências iam desde ameaças de morte por mensagens de aplicativo e bilhetes até o porte de armas brancas ou de fogo falsas, provocando medo nos funcionários, alunos e responsáveis.

Os veículos de comunicação têm um grande alcance, tanto regional, nacional, como internacional, sendo responsáveis pela forma que apresentarão os fatos para o público. Ao seguirem a política de cobertura, mantendo a imparcialidade e seriedade, será possível modificar a visão violenta que a mídia induz a sociedade a ter. Além de conter potenciais novas ocorrências de massacres, principalmente escolares, ao não espetacularizar e dar notoriedade aos agressores.

REFERÊNCIAS

ANDI. **Veículos de comunicação adotam novos protocolos de cobertura de ataques a escolas.** 06 Abr. 2023. Disponível em: <<https://andi.org.br/2023/04/veiculos-de-comunicacao-adotam-novos-protocolos-de-cobertura-de-ataques-a-escolas/>>. Acesso em: 14 Jun. 2023.

BARBOSA, Gustavo Henrique Freire. **O 'datenismo' como instrumento de opressão. Observatório da Imprensa,** 30 Dez. 2014. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/_ed831_o_datenismo_como_instrumento_de_opressao/>. Acesso em: 23 de Abr. 2023.

BOCCHINI, Bruno. **Divulgação de ataque à escola em SP pode ter incentivado outros casos. Agência Brasil,** 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/divulgacao-de-ataque-escola-em-sp-pode-ter-incentivado-outros-casos>>. Acesso em: 14 Jun. 2023.

BOTÃO, A, et al. **O Massacre de Suzano e a Cobertura Jornalística Nacional: uma Análise Baseada na Teoria da Espiral do Silêncio.** 2019. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0402-1.pdf>>. Acesso em: 12 Jun. 2023.

BRASIL, Tv. **Jornalismo Policial: entretenimento ou realmente jornalismo?** Portal EBC, 2015. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/vertv/post/jornalismo-policial-entretenimento-ou-realmente-jornalismo>>. Acesso em: 23 de Abr. 2023.

BRASIL. **Constituição Da República Federativa Do Brasil de 1988.** Disponível em: <<https://constituicao.stf.jus.br/dispositivo/cf-88-parte-1-titulo-2-capitulo-1-artigo-5#:~:text=LVII%20%E2%80%94%20ningu%C3%A9m%20ser%C3%A1%20considerado%20culpado,37>>. Acesso em: 23 Abr. 2023.

CARVALHO, Patrícia Fossatti de. **A notoriedade dada aos atiradores na imprensa: um estudo do massacre de Suzano na reportagem da revista Veja.** 2020. 21 f. Artigo de conclusão de curso (Bacharel em Jornalismo). Curso de Jornalismo. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2020. Acesso em: 17 abr. 2023.

DIAS, Paulo Eduardo; KRUSE, Tulio. **Em carta, autor do ataque em escola de SP cita bullying, tristeza e ódio.** Jornal Folha de São Paulo, 28 mar. 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/em-carta-autor-do-ataque-em-escola-de-sp-cita-bullying-tristeza-e-odio.shtml>>. Acesso em: 12 Jun. 2023.

DAUER, Letícia. **Violência em escolas: novos casos após ataque em SP reforçam poder do 'efeito contágio'.** R7, 2023. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/violencia-em-escolas-novos-casos-apos-ataque-em-sp-reforcam-poder-do-efeito-contagio-31032023#/foto/1>>. Acesso em: 23 Ago. 2023.

FACEBOOK. **Repórter persegue mãe.** 14 Mar. 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=329121661282683>>. Acesso em: 23 Abr. 2023.

GLOBO, G1. **Ataque a escola em SP completa uma semana: o que se sabe até agora e os próximos passos da investigação.** G1 SP, 03 Abr. 2023. Disponível

em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/04/03/ataque-a-escola-em-sp-completa-uma-semana-o-que-se-sabe-ate-agora-e-os-proximos-passos-da-investigacao.ghtml>>. Acesso em: 12 Jun. 2023.

GLOBO, G1. **Cronologia:** massacre em Suzano. 13 Mar. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/cronologia-massacre-em-suzano.g.html>> . Acesso em: 10 de Jun. 2023.

NASCIMENTO, Stephany. **Sistema carcerário brasileiro:** a realidade das prisões no Brasil. Politize, 2022. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/sistema-carcerario-brasileiro/>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

OLIVEIRA, Dannilo Duarte. **Jornalismo policial, gênero e modo de endereçamento na televisão brasileira.** 2008. Colóquio Internacional Televisão e Realidade. Programa de Pós-Graduação em Comunicações e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal Bahia. 2008. Disponível em: <<http://tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Dannilo%20Duarte.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2023.

RIBEIRO, Renato. **Veículos de imprensa mudam política de cobertura de ataques a escolas.** Agência Brasil, 06 Abr. 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/veiculos-de-imprensa-mudam-politica-de-cobertura-de-ataques-escolas>>. Acesso em: 14 Jun. 2023.

ROMÃO, Davi Mamblona Marques. **Jornalismo policial:** indústria cultural e violência. 206 p. São Paulo: USP, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-30072013-113910/publico/romao_corrigeida.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2023.

WAGMAKER, Iuris. **Após massacre em Suzano, ameaças são registradas em escolas do ES e do Brasil.** Folha Vitória, 2019. Disponível em: <<https://www.folhavitoria.com.br/policia/noticia/03/2019/apos-massacre-em-suzano-ameacas-sao-registradas-em-escolas-do-es-e-do-brasil>>. Acesso em: 23 Ago. 2023.